

(organização de) Ana Fernandes

VISÃO DE PORTUGAL POR ESTRANGEIROS

1.ª JORNADA

Viseu
2002

ÍNDICE

Discurso Inaugural.....	11
<i>Manuel de O. Pulquério</i>	
Lisboa na Ficção Literária Francesa de inícios do século XX.....	15
<i>Ana Fernandes</i>	
Sonhos e Estereótipos: a Lisboa de Tanner e a de Wenders...	27
<i>Hélio Sampaio Teixeira</i>	
Construção Intertextual de Lisboa na <i>Viagem ao Tejo</i> <i>com Pessoa na bagagem</i> de Egyd Gstättnner.....	41
<i>Mário Matos</i>	
Viajar, confrontar, homologar. O Portugal de Montale e de Rigoni Stern.....	57
<i>Rita Marnoto</i>	
Uma aprendizagem do “Ser Português” em <i>Portugiesische</i> <i>Tagebücher</i> de Curt Meyer-Clason.....	81
<i>Orlando Grossegeisse</i>	

VIAJAR, CONFRONTAR, HOMOLOGAR. O PORTUGAL DE MONTALE E DE RIGONI STERN

Rita Marnoto

(Univ. Coimbra / Univ. Católica Portuguesa - Viseu)

1.

Toda a experiência de viagem implica um encontro com o "outro", com o diferente, ou com o desconhecido, que passa pelo relacionamento com outro lugar e com outro tempo¹. Entendidas em

¹ São inúmeros os estudos dedicados à Literatura de viagem. No plano da teoria crítica, valha por todas a referência ao capítulo de síntese que Domenico Nucera dedicou a "I viaggi e la letteratura": Gnisci, Sinopoli, Stella, Trocchi, Pantini, Nucera, Guglielmi, Moll, Neri, Gajeri, *Letteratura comparata*. A cura di Armando Gnisci, Milano, Mondadori, 2002. Pelo que diz respeito ao panorama português, recordem-se os trabalhos colectivos, *A viagem na Literatura*. Coordenação de Maria Alzira Seixo, Mem Martins, Europa-América, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Cursos da Arrábida, 1997; *Les récits de voyages. Typologie, historicité*. Organização de Maria Alzira Seixo / Graça Abreu, Lisboa, Cosmos, 1998 [Actas do Colóquio de Paris, Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, 22-23 de Outubro de 1996; Université de la Sorbonne (Paris IV), 24 de Outubro de 1996]; *A vertigem do Oriente. Modalidades discursivas no encontro de culturas*. Organização de Maria Alzira Seixo / Ana Paula Laborinho / Maria José Meira, Lisboa, Cosmos, Instituto Português do Oriente, 1999; e *Travel Writing and Cultural Memory. Écriture du voyage et mémoire culturelle*. Edited by / Sous la direction de Maria Alzira Seixo, Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 2000 [Volume 9 of the Proceedings of the xvth Congress of the International Comparative Literature Association "Literature as Cultural Memory", Leiden, 16-22 August 1997, Theo D'haen General Editor].

sentido lato, essas estruturas espaço-temporais abarcam um campo extremamente vasto, que integra quer as circunstâncias de comunicação, quer a relação de alteridade que se estabelece entre emissor e receptor perante o objecto representado, as quais, por sua vez, são incidíveis do próprio plano da alteridade intrínseca do sujeito.

A índole dessas mediações tem vindo a ser concebida em função de contributos críticos da mais variada ordem². À luz de uma perspectiva estruturalista de matriz saussuriana, serão valorizadas as marcas formais da linguagem sígnica utilizada. O pano de fundo que enquadra a expressão de pontos de vista que podem decorrer de uma mediação histórico-cultural é explorado, em particular, pela estética da recepção. Por seu lado, a imagologia analisa toda uma gama de opiniões, "topoi" ou ideias prévias, actuantes, de uma forma ou de outra, na imagem que do objecto é construída³. Todavia, nos últimos anos, tem vindo a ser conferida uma importância cada vez maior à articulação entre as diversas perspectivas críticas que circulam no domínio da Comparatística, com base nas interacções que se estabelecem entre códigos não só literários, como também antropológicos, histórico-sociais, plásticos, etc. Essa metodologia de há muito fora desenvolvida pela semiótica. Recorde-se, nesse âmbito, a decisiva intervenção de Roland Barthes, com a série de artigos que dedicou "au gré de l'actualité", publicada na imprensa francesa de 1954 a 1956⁴. Os seus textos são

² Vd. *Representation. Cultural Representation and Signifying Practices*. Edited by Stuart Hall, London, Thousand Oaks, New Delhi, Sage, The Open University, 1997, com bibliografia.

³ Esta área sofreu um grande desenvolvimento na última década, com relevo para o projecto interdisciplinar europeísta promovido pelo departamento de "Europese Studies" da Universidade de Amsterdão, coordenado por Joep Leerssen, bem como para as pesquisas dirigidas por Daniel-Henri Pageaux em torno da "imagerie culturelle". Quanto ao primeiro aspecto, vd. os volumes da colecção, "Studia Imagologica, Amsterdam Studies in Cultural Identity", fundada pela editora Rodopi em 1992; de Pageaux, recorde-se *La littérature générale et comparée*. Paris, Armand Colin, 1994, cap. IV.

⁴ Depois coligida no volume *Mythologies*. Paris, Seuil, 1957, com numerosas reedições. A citação lê-se na p. 9 da tiragem de 1981.

consagrados a fenómenos do quotidiano que, apesar de não implicarem, necessariamente, nem uma deslocação no espaço, nem um processo de mediação literário, trazem para primeiro plano uma situação privilegiada de abertura ao "outro". Como tal, o crítico francês trabalhou elos de intersecção que puseram em relevo as possibilidades críticas de um extenso campo de pesquisa. Atravessava-se, então, o período do "pós" Segunda Guerra Mundial. O novo mapa resultante da autonomização das Colónias suscitava uma renovada leitura das relações entre os grandes sistemas de representação, cerne dos designados Estudos Culturais, aos quais logo se associaram os Estudos de Género e os Estudos Pós-Coloniais, bem como a Literatura e a Arte da Migração⁵. Daqui resultou a crescente valorização de domínios que até há bem pouco tempo eram considerados como marginais, fruto da maior importância conferida à natureza interpretativa da cultura, enquanto cadeia de mediações do "outro" que fundamenta a sua própria identidade.

Nesse quadro, as grandes transformações em curso não podem deixar de se reflectir também sobre o lugar atribuído à Literatura de viagem. Bem o ilustra, mais recentemente, a inclusão de secções dedicadas a esse domínio em Histórias da Literatura e em manuais escolares. Residindo o seu cerne na relação de alteridade que se estabelece com o "outro", compreender-se-á o relevo que lhe é conferido, no contexto dos últimos desenvolvimentos críticos da Literatura Comparada, em geral, e dos Estudos Culturais,

⁵ Os Estudos Culturais registaram um grande desenvolvimento no Reino Unido, nos anos sessenta, que teve por sequência o "boom" norte-americano, a partir da década de oitenta. Para a historicização e a contextualização de contributos críticos que dizem respeito a temas e metodologias em franca expansão, vd. Robert Young, *Colonial Desire*. London, New York, Routledge, 1996; Martha C. Nussbaum, *Cultivating Humanity. A Classical Defense of Reform in Liberal Education*. Cambridge, MA, London, Harvard University Press, 1997; e *The Cultural Studies Reader*. Edited by Simon During, London, New York, Routledge, 1999, 2. ed. Em <<http://www.chass.utoronto.ca/lithist>>, podem ser obtidas informações, sujeitas a constante actualização, acerca de um dos mais abrangentes projectos inseridos nessa linha de pesquisa, a História Comparada das Culturas Literárias, da Universidade de Toronto.

em particular. "Esperienza mentale prima che fisica, occasione non raramente traumatica di confronto tra il noto e l'ignoto, il viaggio è stato spesso assunto a metafora dell'intera condizione umana", observa Raimondo Cardona⁶. Viajar "[...] is an activity that weaves the fabric of contemporary lives. Very few of us eat, sleep, work, and play in the same place [...]. Travel is as familiar as the experience of the body, the wind, the earth, and this is why at all times and in all places it is a source of reference, a ground of symbols and metaphors, a resource of signification.", escreve Leed⁷. Desta feita, de um estádio em que a Literatura de viagem era excluída do cânone literário e só esporadicamente merecia a atenção de certos domínios disciplinares, poder-se-á entrever a transição para um horizonte tão vasto, que o seu estatuto tenda a fazer-se totalizante, qual arquétipo do carácter contingente da condição humana. Mas então, seria lícito interrogarmo-nos acerca do risco de ser a própria Literatura de viagem a diluir-se num oceano de outras manifestações culturais.

Não se deverá esquecer, porém, que a própria problematização de um tão agudo nó metodológico pôs em relevo a importância que poderá ser assumida pelo estudo das relações interculturais, quando devidamente focalizadas. Sendo a cultura uma malha de intersecções, a perspectiva do forasteiro torna-se um dado essencial para a caracterização de uma identidade que é, na sua essência, relacional. No plano da didáctica da Literatura e da formação cívica, o confronto com o "outro" pode erigir-se em meio privilegiado de proporcionar quer um melhor conhecimento entre povos e culturas diferentes, quer um profícuo intercâmbio entre domínios disciplinares distintos, quer, ainda, uma mais profunda consciência da forma como pode ser manejada a linguagem, nas suas modalidades de articulação com o objecto que representa. No plano antropológico-lite-

⁶ Giorgio Raimondo Cardona, "I viaggi e le scoperte": *Letteratura italiana*. Direzione: Alberto Asor Rosa. 5. *Le questioni*. Torino, Einaudi, 1986, p. 687.

⁷ Eric J. Leed, *The Mind of the Traveler. From Gilgamesh to Global Tourism*. United States of America [sic], Harper Collins, 1991, pp. 3-4.

rário, o equacionamento de vectores de relação pode constituir um contributo precioso para a definição de um campo que hoje suscita tão amplo debate, o do cânone literário. No plano disciplinar, dessa discussão poderá surgir uma mais clara consciência epistemológica da especificidade das várias áreas implicadas num diálogo entre fronteiras.

Com efeito, enquanto experiência de abertura ao "outro", a narrativa de viagem traduz, em absoluto, a transferência de uma origem para um horizonte onde o homólogo se confronta com o heterogéneo. Essa circularidade itinerante entre "ir" e "vir" encontra-se na base da etimologia de um alargado âmbito vocabular que diz respeito ao seu campo semântico. Recorde-se o verbo latino "circulare", que deu origem a "circular" em português, "circuler" em francês, "circolare" em italiano. Observa Catherine Malabou que "arriver" e "dériver" têm a mesma raiz, "rivus", o que quer dizer, alcançar ou abandonar a corrente de água, duas acções cujo significado se implica mutuamente⁸. Por sua vez, o português "chegar" vem de "plicare", dobrar, focalizando, pois, o próprio movimento de dar voltas.

São as mediações e os jogos especulares implicados pelos textos de dois italianos que viajaram por Portugal, bem como o processo de identificação e de diferenciação concomitantemente implicado, que nos propomos analisar.

2.

Ao longo do século XX, e em termos genéricos, as narrativas de viagem escritas por italianos que passaram por Portugal não abundam. Até ao momento da integração europeia, este país situado no extremo ocidental da Europa era, para o grande público, um espaço nebuloso, bem mais distante no mapa do imaginário do que no planisfério. Só a partir do terceiro quartel do século se nota um verdadeiro aumento do interesse pela sua cultura.

⁸ Catherine Malabou / Jacques Derrida, *Jacques Derrida. La contre-allée*. S. l., La Quinzaine Littéraire, 1999, pp. 11-12. Vd. também os exemplos apresentados por Domenico Nucera, *op. cit.*, pp. 130-32.

Os textos escolhidos têm em comum a particularidade de terem sido publicados na imprensa periódica italiana por dois grandes homens de Letras. O primeiro é assinado por Eugenio Montale. Intitula-se, "Portogallo, superstite riserva di Strapaese. Non si capiva se era figlio di una nobildonna o di una strega. Dubbi del genere possono nascere in una terra dove mancano confini fra regalità e miseria, e dove la misura delle cose è ancora umana", e saiu em *Il Nuovo Corriere della Sera*, a 9 de Julho de 1954⁹. O segundo é de autoria de Mario Rigoni Stern, e subdivide-se em dois blocos, "Cultura e povertà nel Portogallo che cambia. I giovani sapienti di Coimbra" e "Lisbona, si svegliano i poeti", publicados em *La Stampa* a 26 de Junho e a 7 de Julho de 1981¹⁰. Foi posteriormente divulgado através da tradução editada na revista *Estudos Italianos*

⁹ Depois incluído em *Fuori di casa*, um volume miscelâneo, organizado pelo próprio Eugenio Montale, em cujas páginas são recolhidos textos de viagem publicados na imprensa entre os anos de 1946 e de 1964. A primeira edição tem por referências, Milano, Napoli, Ricciardi, 1969, ao passo que a sucessiva, com duas tiragens, remonta a Milano, Mondadori, 1975. Mais recentemente, essa compilação foi reimpressa no volume *Prose e racconti*. A cura e con introduzione di Marco Forti, note ai testi e varianti di Luisa Previtiera, Milano, Mondadori, 1995. O artigo em análise, que passou a ter o título de "Portogallo", figura nas pp. 475-80, donde citamos. Da versão textual preparada pelo seu próprio autor para edição em volume, foram suprimidos os subtítulos, o que se explicará em virtude da maior especificidade do público-alvo. Sobre a actividade crítica de Montale, num plano geral, vd., Giovanna Ioli, "Eugenio Montale": *Storia della letteratura italiana*. Diretta da Enrico Malato. Vol. 10, *Il Novecento*. Roma, Salerno, 2000, pp. 578-82. Pelo que diz respeito, especificamente, a *Fuori di casa*, vd. Angelo Fabrizio, "Montale fuori di casa": *Rivista di Letteratura Italiana*, 19, 1, 2001, pp. 183-93.

¹⁰ Ambos reeditados no volume, que será fonte de citação, *Il magico Kolobok*. Milano, La Stampa, [1989] 1999, pp. 5-14, com omissão do primeiro segmento do título, "Cultura e povertà nel Portogallo che cambia". Nas suas páginas, fica contida uma compilação de artigos publicados por Rigoni Stern em *La Stampa*, entre 1963 e 1988. Assinalem-se outras duas intervenções consagradas a Portugal, "Tuorém, il gallo e il diavolo", de 20 de Dezembro de 1984, pp. 136-41 (a grafia "Tuorém", reiteradamente utilizada ao longo do texto, corresponde a Tourém); e "Fuoco e vino del guaritore", publicado cinco dias depois, pp. 142-45.

em Portugal, sob título, "Portugal que se transforma"¹¹. Se Montale apresenta o Portugal dos anos cinquenta, Rigoni Stern capta um momento histórico muito intenso, o período que se segue à revolta do 25 de Abril de 1974.

Enquanto inseridos na tipologia da crónica de viagem, esses artigos desfrutam de um estatuto de dualidade, entre Jornalismo e Literatura, o que confere um alto grau de complexidade ao processo de representação implicado¹². O meio de comunicação em causa, a imprensa periódica, visa uma função informativa premente e tem por objectivo uma recepção alargada. Como tal, seria de esperar que o registo utilizado se aproximasse de uma ordem analítica e factual, para utilizar a terminologia de Genette¹³, visando uma representação metódica da actualidade. Contudo, quer Montale, quer Rigoni Stern, são autores consagrados da Literatura Italiana, pelo que não

¹¹ 43-44, 1980-81, pp. 125-37. A tradução, que não é assinada, envolve, também ela, processos de mediação que ficam bem patentes, logo à partida, na alteração do título para "Portugal que se transforma" e na inversão da ordem dos dois blocos textuais.

¹² O artigo de Montale inclui-se numa rubrica periódica explicitamente consagrada à crónica do estrangeiro. Na qualidade de enviado especial, coube-lhe viajar até Portugal, Espanha, França, Suíça, Grécia, Escócia, Inglaterra e Nova Iorque, bem como pelo Médio Oriente. Essas crónicas eram rotativamente assinadas por jornalistas que se encontravam nos mais diversos países do mundo, de entre os quais se contam personalidades da craveira de Indro Montanelli e de Alberto Moravia.

¹³ Gérard Genette, *Fiction et diction*. Paris, Seuil, 1991 [reed.], em particular o capítulo 3. A descrição dos sítios observados erige-se, na verdade, em pedra-angular da Literatura de viagem. Lamartine colocava no seu âmbito a "[...] description complète et fidèle des pays qu'on a parcourus, des événements personnels qui sont arrivés au voyageur, de l'ensemble des impressions des lieux, des hommes et des moeurs" (apud Ana Paula Pedrosa Fernandes, *"Le voyage autour du monde" de Bouganville: un récit curieux de l'autre*. S. l., 2000 [Tese de doutoramento em Literatura Francesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa], p. 31). Como nota esse crítico, nas observações do poeta francês ficam sintetizados dois aspectos complementares da narração de viagem, o plano informativo e o plano impressionista. Nem as aspirações de exaustividade descritiva que norteiam Lamartine sublimam uma aguda consciência da subjectividade do relato.

é possível marginalizar a componente estética da sua escrita, mesmo quando impressa nas rotativas de um periódico. Mas vejamos, entretanto, como se caracteriza o perfil de cada um desses intelectuais.

Eugenio Montale (Genova, 1896 - Milano, 1981)¹⁴ publicou o seu primeiro livro de poemas, *Ossi di seppia*, em 1925¹⁵. Foi também nesse ano que assinou o manifesto dos intelectuais antifascistas de Benedetto Croce. Atravessava-se, então, aquele período de dúvidas e incertezas característico da Itália do "pós" Primeira

¹⁴ É considerável o número de monografias consagrado a Montale, com relevo para: Giuliano Manacorda, *Montale*. Firenze, La Nuova Italia, [1969] 1979; Claudio Scarpati, *Invito alla lettura di Montale*. Milano, Mursia, [1973] 1996; Marco Forti, *Eugenio Montale. La poesia, la prosa di fantasia e d'invenzione*. Milano, Mursia, [1973] 1983; *Per conoscere Montale. Antologia corredata di testi critici*. A cura di Marco Forti, Milano, Mondadori, [1976] 1990; Romano Luperini, *Storia di Montale*. Roma, Bari, Laterza, [1976] 1992; Mario Martelli, *Eugenio Montale. Introduzione e guida allo studio dell'opera montaliana*. Firenze, Le Monnier, [1983] 1992; Franco Croce, *Storia della poesia di Eugenio Montale*. Genova, Costa & Nolan, 1991; Pietro Cataldi, *Montale*. Palermo, Palumbo, 1991; *Eugenio Montale*. A cura di Annalisa Cima / Cesare Segre, Milano, Bompiani, 1996; e Giuseppe Marcenaro, *Eugenio Montale*. Milano, Mondadori, 1999. Recordem-se, além disso, as actas do congresso, *Montale e il canone poetico del Novecento*. A cura di Maria Antonietta Grignani / Romano Luperini, Roma, Bari, Laterza, 1998.

¹⁵ O constante trabalho de reconfiguração a que Eugenio Montale, ao longo de todo o seu percurso intelectual, sujeitou as suas compilações poéticas, inviabiliza qualquer síntese precisa. Recordem-se, porém, como pontos de referência, as primeiras edições: *Ossi di seppia*, 1925; *La casa dei doganieri e altre poesie*, 1932; *Le occasioni*, 1940; *Finisterre*, 1943; *La bufera e altro*, 1956; *Satura*, 1962; *Diario del '71*, 1971; *Il poeta. Diario*, 1972; *Otto poesie*, 1975; e *Quaderno di quattro anni*, 1977. Para uma pormenorizada dilucidação dos problemas de crítica textual suscitados pela sua obra poética, vd. Rosanna Bettarini / Gianfranco Contini, "Varianti e autocommenti": Eugenio Montale, *L'opera in versi*. Edizione critica a cura di R. B. / G. C., Torino, Einaudi, 1980, pp. 841-1183. A bibliografia geral dos seus escritos, intervenções na imprensa e traduções, bem como o elenco das conferências e entrevistas que deu e a seriação da sua obra gráfica e pictórica, foram compilados por Laura Barile, *Bibliografia montaliana*. Milano, Mondadori, 1977.

Guerra Mundial¹⁶. O distanciamento não só em relação aos movimentos de vanguarda, como também em relação à poesia simbolista, passava por uma discussão em torno dos caminhos da poesia que não tardou a ser minada pela política cultural fascista. O dinamismo do debate de ideias tolerado pelo seu aparato reduzia-se, na verdade, a uma aparência fátua. O confronto entre a corrente de "strapaese", de um lado, que defendia a tradição rural e campesina¹⁷, e, de outro lado, o filão de "stracittà", que exaltava as vantagens da cidade e os valores burgueses¹⁸, não passava, nesse sentido, de um debate entre duas faces do mesmo regime totalitário. Essas posições tinham por plataforma comum a exaltação do mito da italianidade, ao mesmo tempo que trabalhavam para um único objectivo, o de desviar as atenções do panorama cultural europeu. Bem diversos eram, já nesse momento, os horizontes de Montale, que acompanhou a situação com distanciamento, optando por uma atitude poética de índole introspectiva, traduzida na musicalidade de versos donde transbordam lugares e situações. Diferentemente, os seus

¹⁶ Vd. Rita Marnoto, "A narrativa neo-realista italiana": *Biblos*, 60, 1984, em particular pp. 133-52.

¹⁷ Essa tendência foi difundida por duas revistas fundadas na década de vinte, *Il Selvaggio*, dirigida por Mino Maccari, e *L'Italiano*, de Leo Longaresi. Das suas páginas, foram lançados duros ataques contra os intelectuais, em particular aqueles que tinham assinado o manifesto de Croce, bem como contra a cultura europeia, com base em argumentos de ordem ética e moral. Sobre as revistas italianas deste período, vd. Luisa Mangoni, *L'interventismo della cultura. Intellettuali e riviste del Fascismo*. Bari, Laterza, 1974; e, num domínio mais abrangente, *Critici, movimenti e riviste del '900 letterario italiano*. A cura di Giorgio Luti, Roma, NIS, [1973] 1986.

¹⁸ O seu principal órgão de opinião foi outra revista fundada nos anos vinte, *900*, de Massimo Bontempelli e de Curzio Malaparte. Malaparte logo abandonou o grupo, para se juntar aos partidários de "strapaese". Por sua vez, Bontempelli lançou o famoso conceito de "realismo mágico", numa tentativa de elevar o quotidiano a experiência estética, colocando a arte ao alcance de todos. A abertura ao plano internacional (Joyce fazia parte da redacção, tendo sido publicados textos de Virginia Woolf, André Malraux e Reiner Maria Rilke) e à narrativa desembocava, porém, num apelo nacionalista, voltado para dentro da própria Itália.

pontos de referência situavam-se na cultura europeia e na Literatura mundial. Consegue, então, um emprego em Florença, onde entra em contacto com o grupo de intelectuais reunidos em torno da revista *Solaria*. Em 1938, é, porém, despedido, por não ter o cartão fascista e por recusar inscrever-se no Partido de Mussolini. Os anos que se seguem serão marcados por sérias dificuldades económicas, mitigadas pela contingência do seu trabalho de tradutor. Só dez anos depois conseguirá um lugar estável, em Milão, enquanto redactor permanente de *Il Corriere della Sera*. O reconhecimento público merecido pela sua obra culmina com a atribuição do Prémio Nobel, em 1975.

A poética de Montale brota, irredutivelmente, de uma situação bifronte, entre exterioridade e interioridade, entre uma atitude de recusa do negativo e a firme crença na possibilidade de uma prática renovada. A esse propósito, nota justamente Giovanna Ioli que Montale é portador de uma dupla condição, existencial e literária, realista e transcendente¹⁹. Nesse contexto, a memória de outros escritores, bem como as técnicas de autocitação, assumem uma função primordial, enquanto via através da qual é preenchida e, ao mesmo tempo, exposta, a clivagem que sustém a sua obra. A amplidão do percurso assim dimensionado, na sua vertente humana e literária, converteu-o num escritor de projecção universal.

A importância do lugar ocupado, na Literatura contemporânea, pelo segundo intelectual a que nos referimos, Mario Rigoni Stern²⁰, de forma alguma deverá ser diminuída pelo carácter verdadeiramente excepcional do plano em que se situa Eugenio Montale, figura com a qual poucos intelectuais do século XX poderão

¹⁹ *Op. cit.*, p. 599.

²⁰ Sobre Mario Rigoni Stern, vd. as monografias: Michele Buzzi, *Invito alla lettura di Mario Rigoni Stern*. Milano, Mursia, [1983] 1988; Antonio Motta, *Mario Rigoni Stern*. Firenze, La Nuova Italia, [1982] 1983; e *Mario Rigoni Stern*. A cura di Paolo Teobaldi, Pesaro, Il Gusto dei Contemporanei, 1999; bem como, Carlo Mazzacurati / Marco Paolino, *Ritratti. Mario Rigoni Stern*. Presentazione di Marco Corona, coordinamento dei testi Daniela Basso, Pordenone, Biblioteca dell'Immagine, 2000 [acompanhado de una videocassete].

ombrear. Ainda muito jovem, Rigoni Stern (Asiago, Vicenza, 1921 -) participa na campanha da Rússia, durante a Segunda Guerra Mundial. A partir do diário de combatente, redige o seu primeiro livro, *Il sergente della neve. Ricordi della ritirata di Russia*, editado, por escolha de Elio Vittorini, na colecção "I Gettoni", em 1953. Essa iniciativa editorial, que visa corresponder ao interesse pela leitura manifestado por um vasto público, situa-se no cerne do vivo debate em torno dos novos caminhos da narrativa²¹. Nos volumes da colecção, são incluídas quer traduções de autores estrangeiros pouco conhecidos em Itália, quer obras de jovens narradores italianos que, de outra forma, não teriam oportunidade de encontrar um editor²². Rigoni Stern é um deles. O entusiasmo com que Vittorini acede a publicar, em plena década de cinquenta, um livro que tem por referência o modelo literário neo-realista, é sinal do grande valor literário que reconhecia nas suas páginas.

De então até hoje, Rigoni Stern tem vindo a editar regularmente romances e contos, embora distanciado das luzes da ribalta e dos meios de comunicação mediática²³. O gosto pela descrição e pelo relato que caracteriza os seus escritos, apesar de se manter sempre vivo, sofreu várias metamorfoses, ao longo de um percurso

²¹ Vd. Rita Marnoto, *op. cit.*

²² Ao referir-se aos objectivos da colecção, numa nota do *Catalogo generale delle edizioni Einaudi dalla fondazione della Casa editrice al 1° gennaio 1956*, Vittorini explicita que "Due sono in effetti i motivi per cui un manoscritto può diventare un 'gettone': o la sua innocenza, e cioè la sua validità documentaria; oppure la forza, anche artificiosa, o bizzarra, ma comunque creativa, che l'autore dimostri di possedere attraverso le sue pagine" (apud *Per conoscere Vittorini*. A cura di Giovanna Gronda, Milano, Mondadori, 1979, p. 398). *Il sergente della neve. Ricordi della ritirata di Russia* penderia para o primeiro desses itens. Trata-se, na verdade, de uma das poucas narrativas neo-realistas dedicadas a esse tema oriunda da área do Vêneto.

²³ Recordem-se, ademais, as primeiras edições: *Il bosco degli urogalli*, 1962; *Quota Albania*, 1971; *Ritorno sul Don*, 1973; *Storia di Tönle*, 1978; *Uomini, boschi e api*, 1980; *L'anno della vittoria*, 1985; *Amore di confine*, 1986; *Il libro degli animali*, 1990; *Arboreto selvatico*, 1991; *I boschi d'Italia*, 1992; *Aspettando l'alba*, 1994; *Le stagioni di Giacomo*, 1995; *Sentieri sotto la neve*, 1998; *Inverni lontani*, 1999; e *Tra le due guerre e altre storie*, 2000.

que já vai em meio século. Os temas relacionados com o mundo natural têm vindo a exercer uma crescente atracção sobre um universo onde se avolumam marcas de uma consciência crítica cada vez mais aguda.

3.

Começemos por considerar, preliminarmente, a forma como é configurada a sequência da geografia portuguesa, sem perder de vista o facto de que a elaboração conceptual a que são sujeitas as coordenadas espaciais é incidível de mecanismos de organização temporal que decorrem, da mesma feita, da intervenção da entidade responsável pela representação.

Montale faz referência, em termos genéricos, a um espaço que vai de Lisboa a Cascais e ao Guincho, para depois se prolongar pela Nazaré e pelas Caldas da Rainha, com uma fugaz alusão ao Alentejo e ao Algarve. A articulação do discurso não acompanha, porém, um itinerário de deslocação geográfica orientado no espaço. Na verdade, a sequência que a sustém é de ordem conceptual, conforme o põem em relevo os títulos das secções em que o artigo se encontrava originariamente dividido, "La regina del fado", "Sovrani in esilio" e "Donne di Nazaré", que correspondem aos principais temas desenvolvidos. Nesse sentido, o grau de elaboração do texto era equilibrado pelas indicações de leitura que assim eram fornecidas ao público.

Por sua vez, os dois blocos do texto de Rigoni Stern, "I giovani sapienti di Coimbra" e "Lisbona, si svegliano i poeti", integram referências topológicas genericamente orientadoras. Bastará notar que, na primeira parte, depois de algumas considerações introdutórias, se recorda o encontro com um grupo de italianos, em Lisboa, ao passo que a segunda parte se inicia com a alusão ao cansaço acumulado em Coimbra.

Pese embora a diversidade dos olhares específicos de cada autor, ficam bem patentes, em ambos os casos, as marcas de uma situação de partida que se erige em foco orientador do relato.

Eugenio Montale desvenda, logo na primeira frase do título original, o pólo de assimilação que irá reger a sua leitura,

"strapaese" — "Portogallo, superstite riserva di Strapaese". Em seu entender, a magnífica cor do céu português pode ser considerada sob três pontos de vista, o económico, tendo em linha de conta que a escassez de capital não permite o desenvolvimento da indústria, o psicológico, considerando que a tradição católica acentua a dimensão humana da existência, e o moderno, que implica uma valorização mais severa. De acordo com essa perspectiva, o bem-estar proporcionado pelas sociedades desenvolvidas não tem comparação possível com a "nobile muffa delle Nazioni 'deprese'". O articulista reconhece que Portugal é um país com um passado histórico grandioso. Não obstante, "[...] qui tutto è molto vecchio", e a própria tinta que cobre os edifícios é "[...] [uno] spreco". Aquele copinho de Madeira que também Shakespeare teria, com certeza, bebido, pode ser degustado num restaurante da beira-mar, que é, contudo, "[...] l'única osteria del Guincho". Enfim, essa magnanimidade histórica foi herdada, nos tempos que correm, sob a forma de "[...] paccottiglia da 'Scena illustrata'", conforme personificada pelos últimos Bragança. Montale compreende perfeitamente que nenhum dos factores constitutivos desse panorama tem uma consistência isolada. Contudo, para melhor colher a sua intersecção, não avança no sentido de deles elaborar uma interpretação conjuntural. De outra forma, retoma uma das famosas etiquetas que dominou o debate cultural da Itália de entre as duas Guerras, "strapaese", e aplica-a a Portugal:

Siamo in una delle ultime classiche riserve di Strapaese, questa è la verità: in un angolo del mondo dove non esistono confini tra regalità, familiarità e indigenza, e dove la misura delle cose è ancora umana.

Como tal, a complexidade da conjuntura portuguesa da década de cinquenta é reconduzida ao modelo de propaganda utilizado pelo regime de Mussolini para enaltecer o mundo campestre. Está, pois, lançada a chave de leitura que irá dominar a exploração dos temas que, a partir desse momento, passarão a ser desenvolvidos. O fado, muito apreciado no que tem de "straziante, autentico",

é, todavia, "[...] forse il solo possibile arricchimento di una lingua che sembra sia stata stigmatizzata e torturata a sangue fin dal suo nascere". O sebastianismo "è una malattia che ha molti secoli d'età", ao passo que a saudade é elevada a "malattia nazionale: la 'presenza nell'assenza'!". E quando o jornalista que o vem entrevistar lhe diz que sua mãe era da Nazaré, fica impressionado com a naturalidade com que lho diz, pois logo o imagina, aplicando um estereótipo, filho de uma "[...] pezzente", de uma daquelas mulheres que viu na praia, "[...] donne senza età, nere, corrose, scalze, confitte nella sabbia, quasi incatramate insieme in blocchi dalle molte teste (ne rompe l'immobilità il divincolio di nudi, scheletrici poppanti che sfuggono da scialli e da stracci)".

Essa atitude de Eugenio Montale, um intelectual que nunca pactuou com o governo do "Duce", não tem deixado de suscitar algumas perplexidades. Ao referir-se à recolha *Fuori di casa*, observa Angelo Fabrizi que "vi è assente ogni passione politica e anzi vi si nota una strana indulgenza per paesi governati da dittature (come Spagna e Portogallo)"²⁴. Pelo que diz respeito ao caso português, mais do que uma atitude de indulgência, parece estar em causa um ponto de vista que, sob um primeiro olhar, se afigura dificilmente coadunável com as posições culturais assumidas por Montale. Na verdade, o ideal de uma Itália voltada para dentro de si mesma, para as suas tradições rurais e para a conservação da sua "raça", conforme propugnado por Mino Maccari²⁵ nas páginas de *Il Selvaggio*, implicava concepções que, além de contrasta-

²⁴ *Op. cit.*, p. 184.

²⁵ "'Strapaese' è stato fatto apposta per difendere a spada tratta il carattere rurale e paesano della gente italiana; vale a dire, oltre che l'espressione più genuina e schietta della razza, l'ambiente, il clima e la mentalità ove sono custodite, per istinto e per amore, le più pure tradizioni nostre. 'Strapaese' si è eretto a baluardo contro l'invasione delle mode, del pensiero straniero e delle civiltà moderniste, in quanto tali mode, pensiero e civiltà minacciano di reprimere, avvelenare, distruggere le qualità caratteristiche degli italiani." (alias Orco Bisorco, em *Il Selvaggio*, 4, 1, 1927, apud Eugenio Ragni, "Cultura e letteratura dal primo dopoguerra alla seconda guerra mondiale": *Storia della letteratura italiana*, diretta da Enrico Malato, Vol. 10, *Il Novecento*, p. 338).

rem com as suas escolhas ideológico-literárias, pouco ou nada têm a ver com a abolição de "[...] confini tra regalità, familiarità e indigenza".

Quando o autor de *Ossi di seppia* se transfere para Florença, ainda muito novo, faz-se assíduo frequentador do café "Giubbe rosse", e acompanha de perto a actividade do grupo de intelectuais reunido em torno de *Solaria*, como recordámos. O programa de abertura à Europa defendido por esta revista inspirava ao regime uma forte desconfiança, sendo ferozmente combatido, em particular, pelos herdeiros de "strapaese". Ora, esse Montale "solariano", exímio tradutor de escritores estrangeiros, está bem presente no texto de "Portogallo, superstite riserva di Strapaese". Mas vejamos.

A admiração pela presença estrangeira transparece, desde logo, na celebridade que é atribuída a Cascais, por aí morarem vários aristocratas no exílio, o rei Humberto de Sabóia, que, por sinal, não colhe a sua simpatia²⁶, o Conde de Barcelona, o Conde de Paris, o almirante Horthy e a princesa Helena da Roménia. A costa atlântica traz-lhe à memória os versos de Roy Campbell e Giacomo Meyerbeer. Na sua óptica, os dois veraneantes que mergulham no agitado mar do Guincho, enquanto chove, devem ser estrangeiros. Essa observação, justificada a partir da crença de que os portugueses não são mais apreciadores da natureza do que os italianos²⁷, mina, a partir da sua base, uma aplicação inocente do paradigma ruralista a Portugal.

A estrada que o leva até à Batalha e até Alcobaça agrada-lhe sobremaneira, em virtude da ausência de cartazes publicitários, o

²⁶ "Umberto di Savoia lo intravidi un istante alla finestra di una modesta villa e non lo visitai per timore dei personaggi che lo accompagnano."

²⁷ "Due o tre cabine violacee erano affondate nella sabbia, il mare bolliva livido, cominciò a piovere, dalle cabine vennero fuori due bagnanti seminudi che corsero a tuffarsi in quel mare d'inferno. Forse erano stranieri: non ho l'impressione che i Portoghesi siano più naturisti degli Italiani."

que não aconteceria em Itália²⁸. No entanto, na sua perspectiva, os dois famosos mosteiros encontram-se fora do tempo, por não serem fortalezas de Deus, como em Espanha, nem serem o cerne de uma cidade viva, como em França, nem testemunhas de longas guerras religiosas, como em Inglaterra. Ao levar a cabo a sua leitura do Portugal dos anos cinquenta, Montale recorre a padrões de aferimento intimamente vinculados à sua cultura de origem, a italiana, bem como à sua roda de interesses, europeia e internacionalista. Daí que o Mosteiro de Alcobaça e o Mosteiro da Batalha, por não poderem ser comparados com os espanhóis, os franceses e os ingleses, redundem, sob o olhar do forasteiro, numa enorme massa que arrolou em terra estrangeira.

Desta feita, as relações de sistema não podem deixar de escapar ao seu entendimento. Por um lado, capta a atmosfera rural portuguesa. Por outro lado, submete-a a um olhar homologante, que não lhe permite compreender as suas determinantes. "Strapaese", italianismo e europeísmo erigem-se, por consequência, em estereótipos que estigmatizam quer uma situação originária, quer o termo a que se aplicam.

Por sua vez, no artigo de Rigoni Stern os processos de representação manifestam-se de forma mais desvelada. Aliás, é recorrente o uso de uma primeira pessoa gramatical. O reconhecimento da avidez com que lê os jornais do seu país está para um périplo recheado de encontros com conterrâneos²⁹. A ser assinalada, a sua proveniência geográfica identifica-se com a de quem escreve —

²⁸ "Le due rare meraviglie di questo gotico che diventerà fiammeggiante nell'epoca manuelina si raggiungono attraverso una strada piuttosto deserta che ha il merito di non essere sconciata, come da noi avviene, da cartelloni pubblicitari; e in se stesse le due cattedrali restano un poco come monumenti fuori del tempo, come due cetacei approdati a una riva straniera: non sono fortezze di Dio come quelle spagnole, non sono il cuore e il rifugio di una città viva, come le cattedrali francesi; e nemmeno hanno il patetico di quelle cattedrali inglesi — Ely per esempio — dove una lunga storia di guerre di religione appare come stratificata e composta in una luce di penitenza."

²⁹ Cf. pp. 5, 10 e 13-14.

setentrional. O primeiro acontecimento que relata, após a sua chegada, é o encontro com uns italianos que moram próximo de Monsanto. Em sua casa, come "polenta" e conversa em dialecto. Na Avenida da Liberdade, prova um gelado num estabelecimento cujo gerente é de Borca, e se exprime em véneto. Depois, conversa com três camionistas que falam lombardo. De visita ao Instituto Italiano de Cultura, em Lisboa, fica fascinado por encontrar tantos compatriotas em Portugal. De outra forma, um dos aspectos que muito valoriza, é o que diz respeito ao conhecimento da cultura do seu país de origem. Na Universidade de Coimbra, espanta-o o grande número de jovens que se interessa pela cultura italiana³⁰. Do encontro com intelectuais portugueses e brasileiros, retém, em especial, as informações que possuem de Itália³¹. É também com entusiasmo que se refere ao Director do Instituto de Italiano da Faculdade de Letras de Coimbra, um exilado político, em Itália, ao tempo de Salazar, que viveu em Veneza³².

³⁰ "Ma come fu cupo e remoto tutto questo [la grande aula magna], fu piacevole e quasi gioioso l'incontro con gli studenti iscritti ai corsi dell'Istituto d'italiano. Fino a dieci anni fa erano solo una dozzina che si interessavano della nostra cultura, ora sono centocinquanta e vollero sapere da noi di letteratura e di cinema e di teatro; capivano bene la nostra lingua e quando chiesi quale sarebbe stato il fine dei loro studi mi risposero che era solamente perché avevano interesse culturale verso la nostra patria e che dopo la laurea si sarebbero dedicati all'insegnamento, qui nelle scuole portoghesi, dove ancora oggi il popolo ha il 40 per cento di analfabeti."

³¹ "Un'altra sera cenammo e ci incontrammo con gli scrittori e i poeti portoghesi. C'era pure qualche brasiliano molto attento e fu un amichevole scambio di pensieri e di esperienze. Molti di loro erano stati in Italia, a Roma per lo più, dove avevano conosciuto Rafael Alberti. Ma le loro conoscenze dell'Italia erano più ristrette a certi ambienti che non alla vita della gente e del mondo del lavoro."

³² "José Oliveira Barata, discendente da quegli ebrei rifugiatisi tra le montagne dell'interno ai tempi dell'Inquisizione e dei pogrom, e fuoriuscito in Italia ai tempi di Salazar (si è laureato a Venezia con una tesi su Ruzzante), è ora direttore dell'Istituto italiano e ci accompagna a visitare la gloriosa università di Coimbra da dove per secoli assieme a quelle di Salamanca, Bologna, Padova, Parigi e Praga si illuminò il mondo."

Da mesma feita, espaços e ambientes desdobram imagens do seu país natal, através de um processo que, levado até às suas últimas consequências, remete para um lugar secundário a paisagem humana e natural perante a qual se encontra. Ao longo do percurso que descreve pela linha de Cascais, não é a envolvente física a ser destacada, mas a recordação dos compatriotas que atravessaram o Atlântico para procurarem melhor sorte na América³³. As ruelas de Lisboa são, aos seus olhos, semelhantes às de Génova ou de Veneza³⁴. A terra onde a vinha é cultivada tem uma cor e uma luminosidade semelhantes às de Siena³⁵. O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, que pensa ser igual ao de Pádua, foi fundado por um italiano³⁶. Das descobertas, retém um momento particular, aquele em que chamaram o genovês Manuel Pessanha³⁷.

³³ "[...] quando l'indomani mattina ci accompagnarono per la strada lungo l'oceano fino a Cabo Raso passando per Estoril e Cascais, piú che al famoso casinò e a Umberto di Savoia veniva da pensare ai miei parenti e a tanti compaesani di ogni parte d'Italia che quell'Oceano Atlantico nei secoli passati avevano varcato per cercare lavoro e possibilità di vita tra la baia di Hudson e la Terra del Fuoco e non alle ville tra pineta e spiaggia, che vedevo rinchiuse nei recinti come a difendersi dalla storia e dalla vita intorno."

³⁴ "Quella sera stessa degli amici vollero farmi ascoltare il 'fado' in un locale tipico della vecchia città dove le vie sembrano carruggi genovesi o calli veneziane."

³⁵ "[...] vicino ai rari paesi, la terra dissodata a coltivare viti molto basse aveva un colore caldissimo e che trattiene la luce, simile a quella di Siena."

³⁶ "Coimbra è una città molto bella e pure qui è passata la storia d'Europa: i romani, gli svevi, i goti, i saraceni hanno lasciato i loro segni. Ma anche Luigi Vanvitelli che nel Settecento accanto all'università ha costruito un giardino botanico uguale a quello di Padova." O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra foi concebido por Domenico Vandelli (Pádua, 1735 - Coimbra, 1816), em colaboração com Dalla Bella, e não por Luigi Vanvitelli, como Rigoni Stern indica.

³⁷ "[Il Portogallo] è una nazione dal grande passato che per secoli fu l'avanguardia dell'Occidente verso le nuove terre e che nell'XI secolo dopo essersi liberata da visigoti e arabi chiamò un ammiraglio genovese con cartografi per disegnare carte nautiche e carpentieri per costruire navi: ora aspetta dalla Comunità europea un filo di vento che muova le vele e suoni la campana per riprendere a navigare." Requer a exactidão que se recorde que a Reconquista cristã se concluiu em meados do século XIII e que Pessanha chegou a Portugal no início do século XIV.

Rigoni Stern não deixa de manifestar uma notória simpatia pelo que vê e pelo que encontra. O seu texto caracteriza-se mesmo por uma maior atenção ao pormenor do que o de Montale, embora à interpretação do quadro estejam subjacentes, da mesma forma, muitas ideias feitas. Os homens que jogam às cartas nos parques de Lisboa serão, em seu entender, inválidos da guerra colonial³⁸. A existência de talhos pouco higiénicos, que vendem, especificamente, orelhas e pés de porco, leva-o a pensar na distinção relativamente a outro tipo estabelecimentos onde se venda carne seleccionada³⁹. E, à melancólica imagem das camponesas que vendem hortaliça, enquanto os filhos dormem nas cestas que têm a seu lado⁴⁰, acrescenta-se o quadro das lavadeiras do Mondego:

Tra il traffico molto intenso (eravamo sulla strada che dall'Europa porta a Lisbona) ogni tanto passava un carrettino tirato da un asinello e giù nel Rio Mondego, sotto gli archi di un ponte su cui passavano i Tir, tre donne e una ragazza facevano il bucato pigiando con i piedi le loro robe dentro un mastello di plastica e poi sciacquavano nella corrente.

Neste ponto, a focagem do jornalista de *La Stampa* em muito supera quer o quadro urbano, quer a paisagem humana observados. A cena é situada em Coimbra, no terminal Rodoviário, enquanto espera a carreira que o levará até Lisboa. Ora, se desse ponto da cidade não é possível ver a ponte em arcadas sobre o Rio, em 1981 já não se fazia barreira nas suas águas. Tudo leva a crer que Rigoni Stern actualize o estereótipo conimbricense das lavadeiras

³⁸ "Gli uomini, forse invalidi delle guerre coloniali, giocavano con carteunte e consunte, in piedi accanto alle panchine che facevano da tavolo."

³⁹ "Negli spacci di carne, tra ronzi di mosche, sono in vendita orecchie, zampe e code di maiale perché le parti più scelte e polpose si trovano in altre rivendite."

⁴⁰ "Qui, al mercato, le donne contadine che vendono ortaggi e fiori, accanto alle ceste delle verdure qualche volta hanno una cassetta vuota con dentro un bambino che dorme."

do Mondego, componente fundamental da mitologia turística da cidade, que se fez tema, ao longo dos séculos, de inúmeras representações iconográficas.

Na verdade, o articulista descobre a sua identidade de observador, e exprime directamente as suas impressões subjectivas acerca de Portugal, de uma forma bem mais incisiva do que no caso de Montale. Esse posicionamento fica bem patente logo no início do texto:

Nel tempo che, ragazzo, impiegavo tra partire di casa, arrivare nel bosco a raccogliere la legna e ritornare, oggi giungo in Portogallo; eppure questa nazione così facilmente raggiungibile e per storia così legata a noi rimane una periferia estrema e difforme dall'Europa: sembra in attesa di qualcosa che non ho capito se è di approdare o di partire. O forse è un paese in viaggio che una bonaccia improvvisa costringe a sostare.

É sintomático que seja o próprio Mario Rigoni Stern a recordar a imagem do jovem que rachava lenha no bosque. Ao olhar europeísta de Montale, serve de contraponto, neste caso, um olhar construído à escala do mundo das vivências do autor de *Il sergente della neve*, um intelectual voltado para o seu mundo, distante da vida pública, e que persegue ideais ideológicos muito prementes⁴¹.

⁴¹ A esse propósito, poder-se-ia evocar, igualmente, a tese de Alberto Asor Rosa, exposta no seu famoso livro, *Scrittori e popolo. Il populismo nella letteratura italiana contemporanea*. Roma, Savelli, [1965] 1979, acerca do populismo dos narradores italianos dos séculos XIX e XX. Segundo esse crítico, a enorme distância entre o intelectual e o povo determina não só a matriz ideologicamente artificiosa e voluntarística das suas posições, como também a excessiva contiguidade de pontos de vista. A extracção pequeno-burguesa do escritor obstacula uma identificação plena com o povo, que, por ser considerado uma camada social que lhe é demasiado análoga, na mesquinhez e na miséria, é sujeito a uma operação dialéctica de distinção e aproximação. Contudo, a aplicação desse modelo ideológico ao caso de Mario Rigoni Stern exigiria o aferimento de dados cujo rigor científico dificilmente poderia ser assegurado.

É na sequência desses pressupostos que melhor se poderá compreender que o conturbado ambiente que se vivia em Portugal, no início da década de oitenta, seja reduzido ao imobilismo característico de um universo periférico. Rigoni Stern não acredita que os grandes centros urbanos produzam cultura, conforme o explica aos escritores portugueses com quem se reúne⁴². Todavia, quando se confronta com um Portugal marcado por uma forte tradição histórica ruralista, também não é capaz de abranger os seus fundamentos antropológicos.

Mas a representação da actualidade portuguesa que é levada a cabo por cada um dos escritores poder-se-á compreender mais profundamente se tivermos em consideração o papel que é conferido ao mediador, isto é, àquelas entidades, apresentadas com menor ou maior detalhe, que têm a função de explicar, comentar, ou, de uma forma geral, mediar, aquilo que é contado.

Os dois industriais que Montale encontra na casa de fado dominam muito bem o francês. Mas quando tentam traduzir as letras, o encanto do fado dissolve-se. A atracção que sente pelo seu mistério é tal, que lhe basta perceber uma palavra aqui e outra ali, "manhã", "coração", para logo se entregar ao seu fascínio — "[...] il fado ha bisogno di molta oscurità"⁴³. A fiel tradução da realidade portuguesa não lhe interessa. Apesar de a sua visão de Portugal se

⁴² "Volevano sapere del neorealismo letterario, dei nostri rapporti editoriali e forse qualcuno di loro rimase male quando parlai di industria culturale e dissi che le grandi città non producono più cultura."

⁴³ Montale possuía uma notável cultura musical e, nesse domínio, publicou vários artigos críticos na imprensa periódica, que depois foram compilados no volume, *Prime alla Scala*. A cura di Gianfranca Lavezzi, Milano, Mondadori, 1981 [2ª ed., Milano, Leonardo, 1995]. A fadista que designa como "Anita Rodrigues" não será, contudo, com toda a probabilidade, senão Amália Rodrigues: "Ma la conversazione fu interrotta dall'arrivo di una bella donna bruna dagli occhi verdi e il sebastianista, eccitato, gridò: 'Informo le Vostre Eccellenze' (in Portogallo siamo tutti Eccellenze) 'che giunge Anita Rodrigues, la regina del fado' [...]. Il giorno dopo andai in un negozio di dischi e acquistai *Uma casa portuguesa*, una delle migliori registrazioni della bellissima Anita, canzone popolare di cui tutti ripetono in coro il ritornello."

encontrar bem recheada de ideias feitas, pretende preservar a posição de estrangeiro, em consonância com a insistência em referências culturais europeias e internacionais.

A desfocagem resultante da aplicação da etiqueta de "strapaese" poderá ser entendida, pois, como uma estratégia descomprometida que deixa ao cuidado do leitor a opção de fazer, ou não fazer, a sua desmontagem. Em vez de criticar directamente a falta de desenvolvimento do Portugal dos anos cinquenta, Montale aproxima-o de um modelo que considera atávico, ao mesmo tempo que o lê à luz de padrões europeus e internacionais. Contudo, a partir do momento em que, além de não apresentar "strapaese", explicitamente, como uma corrente imobilista, lhe atribui a função socialmente niveladora que efectivamente nunca teve, o articulista institui um notório desfasamento. A visão impressionista e a ausência de explanação de dados sistémicos correspondem àquele espaço de "oscurità" que não é traduzido, nem se pretende que o seja, mas fica disponível para as incursões do leitor.

De outra forma, o artigo de Rigoni Stern assenta em certezas mais firmes, como se o recém-chegado ao país do extremo Ocidente da Europa logo tivesse captado a alma portuguesa, no seu âmago. Por um lado, a descrição de pessoas, ruas e cidades, que, por sinal, ocupa um lugar de relevo da economia do texto, é animada por um gosto etnográfico ditado pela confiança na sua consciência observadora. O viajante deixa-se conduzir pelas primeiras impressões, entendendo que assim poderá alcançar um conhecimento imediato do que se passa à sua volta⁴⁴. Por outro lado, o mediador faz-se porta-voz de pontos de vista que são apresentados como absolutos. As estradas portuguesas são más e os automobilistas conduzem mal, como dizem os motoristas dos

⁴⁴ "Per arrivare al mercato del pesce mi lasciai guidare dal naso"; "[a Lisboa] ascoltammo il fado di Coimbra che in quella città non avevamo potuto sentire perché gli studenti cantori erano impegnati con gli esami"; "[a Coimbra] camminavamo per i cortili tra i palazzi delle facoltà in mezzo a studenti che si avviavano ai refettori o alle loro case lì attorno (sono divisi in gruppi e ogni gruppo ha una bandiera con stemma o un cartone pitturato sul poggiolo)".

camiónes TIR⁴⁵. O trabalho das alunas do Instituto de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra é perfeito, já que a leitora assim o considera⁴⁶. Os estudantes são todos filhos de burgueses ou de ricos, e o 25 de Abril, enquanto movimento de transição pacífico, não pôde mudar o país, segundo o afirma o Director do Instituto de Estudos Italianos⁴⁷. Ou, de outra forma, os estudantes são todos filhos de burgueses e o 25 de Abril não mudou o país, porque é essa a impressão que o autor de *Il sergente della neve* escolheu registar nas páginas de *La Stampa*.

Neste contexto, o leitor tem um espaço de manobra mais reduzido, porque o modo como as situações são apresentadas as vincula, tendencialmente a uma perspectiva subjectiva, ditada pela voz de quem escreve ou pela voz de mediadores cuja opinião se impõe. Levada até às suas últimas consequências, essa relação consubstancia-se no apelo que lhe é dirigido, no sentido de que se faça cúmplice não só dos pontos de vista partilhados pelo articulista, como também da sua actuação:

Il Professor Barata ci diceva anche delle difficoltà che avevano nel ricevere materiale didattico e di studio dall'Italia per questi studenti affamati di europeismo e gli promisi che ogni settimana, invece di riporli in soffitta per lo stracciaio, gli avrei mandato giornali quoti-

⁴⁵ "Ma viaggiare per le strade del Portogallo, mi dissero, era un'avventura: e per le carreggiate non ampie e per il fondo stradale, ma più ancora per la spregiudicatezza degli autisti; tanto, mi dissero, che lasciati i Tir al deposito e saliti su un taxi per farsi accompagnare al centro della città, a un certo punto preferirono far fermare il taxi, scendere e andare a piedi."

⁴⁶ "Entrammo in un'aula dove un gruppo di ragazze del secondo anno stava terminando la prova scritta; la lettrice invitò qualche ragazza a farmi vedere il lavoro e così lessi in nitida calligrafia e senza alcun errore una traduzione dal portoghese all'italiano. 'Sono brave, — dissi, — hanno proprietà e stile e nemmeno io sarei capace di scrivere così perfettamente'."

⁴⁷ "[Gli studenti] sono tutti figli di borghesi o di piccoli borghesi, o di ricchi. Qui, nel mio Istituto, non c'è nemmeno un figlio di operaio o di contadino. È molto triste questo, e anche indicativo'. 'E allora il 25 aprile 1974?' 'Anche se un passo avanti è stato fatto non si può cambiare un paese solo mettendo un garofano sul fucile'."

diani e periodici. Anzi, se qualche amico lettore ha problemi di spazio per le riviste che abitualmente legge, sacrifici dieci minuti e mille lire per spedirle laggiú perché la conoscenza e la cultura tra europei è il migliore degli investimenti e veicolo di pace.

4.

Da complexa rede de intersecções que traveja o texto dos artigos analisados, entre Jornalismo e Literatura, resulta que a representação de Portugal não é concebida a partir de uma perspectiva analítica de ordem metódica e sistémica. A maior proximidade com a civilização centro-europeia que se verifica, efectivamente, depois de 1974, não tem reflexos evidentes sobre a visão de Rigoni Stern, mais direccionada, no seu contexto epocal, do que a de Eugenio Montale. Em Montale, é no espaço de não coincidência resultante do confronto entre o país por onde viaja e o modelo de "strapaese" que, voluntária ou involuntariamente, se gera a abertura interpretativa do texto. De outra forma, Rigoni Stern transfere para Portugal, de um modo bastante explícito, ideais de mudança que, se não se comprazem com a escala urbana, também não se identificam com o mundo rural que tanto o atrai. Prevalece, pois, em ambos os casos, a imagem de um Portugal ruralista e melancólico, terra de fadistas, nos termos em que fora largamente difundida, aliás, pelo Estado Novo, através da discografia e da cinematografia que promoveu.

A um olhar focalizado a partir de relações conjunturais, sobrepõe-se uma visão assente em pressupostos que constituem, mais do que um ponto de chegada, um ponto de partida. A reflexão sobre o "outro" não se efectua no sentido da sua compreensão, passando antes pela simplificação das componentes antropológicas próprias do universo observado. A relação de alteridade é concebida em função de processos vincadamente homologantes, fruto dos quais as características particulares da cultura portuguesa são transformadas em traços familiares, com um enlevo descritivo fortemente catalisado pelo pitoresco.